

MAFALDA TAVARES SEGUIU O RASTO DA IRMÃ E VOOU PARA LISBOA

“Não me arrependo de ter ido para Lisboa, mas não seria infeliz no Porto”

Contado ninguém acredita. Tem apenas 14 anos e já é uma das protagonistas do espectáculo “A Gaiola das Loucas”, de Filipe La Féria, no Teatro Politeama, em Lisboa. Surgiu no papel quase que por ironia do destino, vestiu a pele de Bárbara Alarcão ainda no Porto, mas pouco tardou para que as asas e o talento a levassem para longe da terra que a viu nascer. Em Lisboa, deu asas a novos sonhos, reformulou paixões, transformou a vida da família e diz-se feliz. Apesar disso, garante que o Porto é a sua casa, que o afastamento dos amigos a faz pensar muitas vezes naquilo que pode estar a perder e que o verdadeiro sonho ainda está por cumprir. Dançar é a paixão recôndita de Mafalda Tavares, a pequena estrela de Filipe La Féria, à qual não faltam céus aonde brilhar.

Por Cristiana Maia

Como é que acolheste o convite de Filipe La Féria para ir para Lisboa?

Eu acabei o 9º ano e fiz as provas de ingresso no Ballet Teatro, onde fui admitida. Depois, o La Féria convidou-me para fazer “A Gaiola das Loucas” em Lisboa e eu aceitei. A minha mãe foi comigo, e eu decidi ingressar no Chapatô, a Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo. É uma escola de artes circenses. Eu acho que foi uma brincadeira que podia ter corrido muito mal, mas acho que está a correr bem.

O Chapatô, a escola onde estás agora, tem pouco a ver com o Ballet Teatro...

Não tem nada a ver. A disciplina principal que tenho são técnicas circenses, mas sempre tem o “bichinho” da arte, tem dança, teatro.

Tiveste que pensar muito na decisão de, para além de seres que ir para Lisboa, também mudares a tua opção de escola ideal?

Não, porque eu não tive muita escolha. Existia ainda outra escola de teatro em Lisboa, mas

essa ficava muito longe e acabei por optar mesmo pelo Chapatô. E não estou arrependida.

Tens 14 anos. Como é que encaras a pressão de ter que tomar decisões no momento, de abdicar um pouco do que sonhavas para o futuro, em prol do teatro? É fácil ou difícil?

É sempre difícil tomar uma decisão. Mas eu tenho acabado por seguir o rasto da minha irmã [Cátia Tavares]. E ela dá-me as opiniões dela. A minha irmã tem os pés muito assentes na terra. Eu já sou mais “aluada”, faço as coisas como me der mais jeito, como eu acho que me vai saber melhor e não propriamente como deveria ser. Ela e a minha mãe, aconselham-me muito e eu acabo sempre por seguir a opinião delas.

No momento em que tiveste que ir para Lisboa, também foi o conselho da irmã que te fez aceitar o desafio?

Sim, também.

Já sonhavas, algum dia, ir parar a Lisboa?

Eu sempre pensei que, se fosse para Lisboa, seria para ingressar no Conservatório de Dança,



senão acabaria por ficar no Porto, no Ballet Teatro. Foi tudo muito de repente. E tenho muitas saudades de estar aqui. Não me sinto arrependida de não ter ficado, mas sinto que não seria infeliz se estivesse cá.

Sentes que Lisboa não é ainda a tua casa?

A minha casa é o Porto, sem dúvida.

Ainda tens a vontade de voltar

para cá?

Tenho. Se um dia não tiver de estar lá, venho para cá.

E estar em Lisboa, viver com os lisboetas, actuar para os lisboetas, como é?

É diferente. O público no Porto não tem tanto medo de se expressar como o de Lisboa. O público lisboeta tem muito medo de mostrar que gosta. Mostra até mais facilmente que não gosta do que o contrário. Mas ambos

são sinceros. Nenhum diz que gosta sem gostar. As pessoas lá são diferentes. Nem para melhor, nem para pior.

O Futuro aos 14 anos

Como é que imaginas o teu futuro? De mão dada com o Filipe La Féria ou já comesças a achar que é tempo de dares espaço à dança?

Eu quero experimentar tudo. Adoro trabalhar com o Filipe La

A MATURIDADE E “A GAIOLA DAS LOUCAS”

“Cresci em palco”

Como é que foi ingressar no elenco d’ “A Gaiola das Loucas”?

No Porto, eu entrei a meio do espectáculo. O papel estava a ser feito pela Sara Lima, que teve que desistir. Depois houve um *casting* e eu fui seleccionada para o papel, em conjunto com a Catarina Pereira, que está a fazer o papel comigo. Foi estranho entrar de repente, porque não houve a fase de ensaios normal. Mas gosto muito do papel, porque a personagem canta, dança e representa, que é o que eu gosto de fazer. Embora eu tenha entrado a meio, fui muito bem acolhida, já tinha trabalhado com muita gente do elenco e também conheci pessoas novas.

O papel que encenas é o de uma mulher com outra maturidade. Como é que foi vestir o papel de uma pessoa adulta?

Eu quando fiz o papel de Java no “Um Violino no Telhado”, já fazia o papel de adulta. Mesmo assim, era de uma pessoa mais nova do que aquela que interpreto agora. A maquilhagem e a caracterização é que me mudaram. Não é propriamente a minha maneira de estar que mudou. Não senti dificuldade em envelhecer, porque não tive que o fazer. As pessoas crescem enquanto estão no palco. Eu também aprendi muito com o Hugo Rendas. Tanto ele veio ao encontro da minha idade, como eu fui de encontro à dele. Encontramos um ponto de equilíbrio.